

**A (des)educação do corpo ou o pequeno desfile dos corpos contemporâneos e seus
lugares da transgressão**

Maria Rita de Assis César*

Resumo: Após várias décadas de historização, desnaturalização e desconstrução das possibilidades de ocupar e ocupar-se de um corpo, as questões contemporâneas sobre o corpo permanecem fundamentais. Esse trabalho pretende explorar alguns lugares epistemológicos por meio dos quais as interrogações sobre o corpo foram tornadas possíveis, a partir dos termos propostos por Michel Foucault e Gilles Deleuze. Trata-se também de dirigir uma reflexão sobre os novos territórios da subjetividade, procurando abordar os significados do corpo e da transgressão por meio de uma análise das obras de das artistas Orlan, criadora da *carnal art* e Fernanda Magalhães, criadora de uma obra/instalação sobre as classificações científicas da obesidade, além da personagem “Agrado” do cineasta espanhol Pedro Almodóvar para que possa interrogar sobre a “natureza” de um corpo.

Palavras-chave: Corpo – Disciplina – Transgressão.

Abstract: After many decades of historicization, de-naturalization and deconstruction of the possibilities of occupying and being occupied by the body, questions about the body are still important. This article intends to explore which epistemological questions about the body are still possible. For that matter, Michel Foucault and Gilles Deleuze have important contributions. From this point of view the text also intends to operate a reflection over new subjective territories, looking for other meanings for the body and for transgression, by visiting the work of Orlan, who has created the concept of carnal art, and Fernanda Magalhães, who has produced a piece of work/installation about the scientific classification of obesity. Also an encounter with “Agrado”, a character created by the Spanish film-maker Pedro Almodóvar to discuss the “nature” of one’s body.

Key-words: Body – Discipline – Transgression.

Quais os lugares do corpo no mundo contemporâneo? Após quase cinquenta anos de historização, desnaturalização e desconstrução, os significados que rondam as possibilidades de se ter um corpo, cuidar do corpo, produzir um corpo e, até mesmo, despedir-se do corpo em benefício de algo menos pesado e obsoleto, são questões que assombram e fascinam simultaneamente. Em se tratando das nossas práticas e saberes contemporâneos sobre o corpo, o que é transgressão? Ainda é possível transgredir? Há territórios corporais possíveis de produções transgressoras? Em um mundo completamente mapeado e territorializado por práticas e saberes que exclusivamente produzem controle de corpos, há espaço para fugir ao controle, ou transgredir? São inúmeras as tentativas de se pensar o inapreensível sobre o corpo, ou ainda sobre o corpo que resiste aos mecanismos de controle. Nos últimos anos,

* Professora Doutora do Setor de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR.

várias são as investigações sobre o corpo que vêm tomando certa centralidade nas investigações sobre a produção de subjetividades, lugar que, nas décadas passadas, foi ocupado pela sexualidade. Nesse texto, pretendo esboçar alguns lugares epistemológicos por meio dos quais as interrogações sobre o corpo foram tornadas possíveis. Para tanto, vou abordar o conceito de “disciplina” e “vida” na obra de Michel Foucault, centrais para se pensar o lugar do corpo na modernidade e, partir daí, as suas transgressões. A partir dessa abordagem, isto é, a partir de uma idéia daquilo que estamos deixando de ser, pois não somos mais corpos disciplinados, poderemos pensar sobre aquilo que estamos nos tornando, ou ainda, sobre aquilo que estamos fazendo de nós mesmos e, assim, abordar os novos significados do corpo e da transgressão.

O corpo educado

A modernidade, compreendida nos termos de Michel Foucault entre o final do século XVIII, XIX e XX, trouxe consigo todo um conjunto de procedimentos discursivos e institucionais sobre a educação do corpo. Foucault foi o autor que, na maior parte de sua obra, dedicou-se a compreender todo um sistema de exercícios corporais que seriam a própria expressão do poder na modernidade. Para Foucault, o corpo foi a peça central sem a qual o poder não teria condições de ser exercido. Para este autor, modernidade e “disciplinarização” do corpo são correspondentes, visto que ao descrever o funcionamento da sociedade moderna, a partir do final do século XVIII, Foucault desvendou o funcionamento de uma série de dispositivos disciplinares presentes no interior das instituições que tomaram o corpo como objeto de sua ação.

Para Foucault, o “corpo máquina”, por seu elemento de automação, foi o antecessor e a própria possibilidade da existência de um “corpo organismo” insuflado pela vida. Afinal, a idéia de vida adveio da possibilidade de se pensar um corpo composto por um conjunto órgãos e sistemas em funcionamento, isto é, digestão, circulação, respiração, os quais, em ação, produzem a vida. O surgimento da idéia de vida em funcionamento como elemento fundamental para a abordagem do corpo e, conseqüentemente, do homem, deu-se com o nascimento da biologia como campo de interrogação sobre o homem e sobre a vida. A partir desse momento, o homem foi tomado como uma expressão da vida biológica, tomado como um organismo, e o corpo como unidade biológica e lugar da vida humana. A noção de “vida” que produziu o “corpo organismo” foi uma novidade do final do século XVIII, que, por sua vez, impôs um conjunto de idéias que transformaram as condições de possibilidade de

produção de discursos e saberes, configurando as diferentes instituições que tomaram o corpo como matéria dos exercícios. Do esgotamento das formas de classificar e ordenar a paisagem do mundo surge uma idéia de “vida” impondo outras formas de interrogação (FOUCAULT, 1995: 279-81).

Todavia, para a disciplina o “corpo vida” não irá substituir o “corpo máquina” e sim sobrepor-se a ele, pois a composição de peças e engrenagens que constituem o autômato que responde ao estímulo com o movimento correto, a inspiração do “corpo máquina”, foi fundamental para o desenvolvimento da disciplina corporal e seus ínfimos controles do corpo. Assim, a sobreposição entre “corpo máquina” e “corpo vida” acabou por configurar o “corpo disciplinado”, isto é, no desenvolvimento das disciplinas o princípio do “corpo máquina” é aquilo que possibilita o exercício exaustivo sobre o corpo (FOUCAULT, 1984: 131). A disciplina constitui um capítulo fundamental da história da modernidade ocidental. Em *Vigiar e Punir*, ao realizar uma história genealógica das formas de punir o delito, Michel Foucault desenvolve uma análise do poder em que o corpo é o elemento central para existência de uma microfísica do poder.

O processo de disciplinarização do corpo no interior da instituição escolar, por exemplo, é objeto de inúmeras investigações. Kant, que segundo Foucault é um dos inventores da modernidade, em seu texto sobre a educação definiu-a como o lugar por excelência da disciplinarização do corpo. Em suas palavras: “Enviem-se em primeiro lugar as crianças para a escola não com a intenção de que elas lá aprendam algo, mas com o fim de que elas se habituem a permanecerem tranquilamente sentadas e a observar pontualmente o que se lhes ordena” (KANT, 1996: 16). Embora o texto de Kant seja do século XVIII, aquilo que está expresso é o nascimento de uma idéia de disciplinarização dos corpos infantis que será incorporada no processo de escolarização no decorrer do século XIX. O modelo escolar da sala de aula foi descrito por Foucault, em *Vigiar e Punir*, como o paradigma moderno da disciplinarização dos corpos, como *locus* privilegiado da realização exaustiva dos exercícios, dos exames, das punições e recompensas.

Além do princípio da disciplina, Foucault descreveu a modernidade por meio de um outro conceito, o de biopoder, também fundamental para que se possa abordar o corpo na modernidade. A disciplina recortou o corpo na sua individualidade para a reprodução dos exercícios e a produção dos corpos dóceis, enquanto o biopoder tomou o corpo no conjunto da população, exercendo um exercício de governo da vida por meio do controle dos nascimentos, das mortes, das práticas sexuais, além da moradia, da instrução, do trabalho, tomando os corpos em conjunto e aplicando-lhes as leis e normas (FOUCAULT, 1999: 293). Tanto

quanto para as disciplinas, o nascimento do “corpo organismo” também foi fundamental para o aparecimento do biopoder, que tomou o conjunto dos corpos dando-lhes a face de uma população. Assim, a disciplina sobre os corpos individuais e o biopoder como um poder sobre a vida das populações compuseram, conjuntamente, todo um arsenal de aparatos dentro das instituições que sustentaram a sociedade moderna e uma forma específica de governo, chamada por Foucault de governamentalidade, que funcionou até bem pouco tempo.

No interior da perspectiva disciplinar, a transgressão é o motivo do recrudescimento dos exercícios disciplinares, além de ser a expressão exata da resistência ao poder. Na modernidade institucional, abordar a transgressão é também descrever formas de resistência ao poder, pois, para Foucault, o corpo capturado e produzido nas redes de poder da sociedade disciplinar e biopolítica é também o corpo que resiste às manifestações do poder, já que “onde há poder há resistência”. Todavia, Foucault já nos mostrava as dificuldades de resistir ao poder, ao mesmo tempo em que, ao descrever a sociedade disciplinar, Foucault também demonstrava aquilo que nós estávamos deixando de ser. Enquanto Foucault descrevia as formas de captura e transgressão da modernidade, ele afirmava também que nós estávamos deixando de ser modernos e anunciava que o próximo século seria deleuziano.

O corpo controlado

Em uma tentativa de compreender a crise da modernidade podemos seguir a sugestão de Foucault, isto é, recorrer às análises de Gilles Deleuze sobre a “sociedade de controle”. Para Deleuze, Foucault demonstrou que os limites temporais do modelo disciplinar estavam claramente demarcados e que este havia entrado em crise na segunda metade do século XX. Deleuze demonstra a crise disciplinar por meio da crise dos modos de confinamento como a prisão, o hospital, a fábrica, a escola e a família.(DELEUZE, 1996: 220).

Para Deleuze, os confinamentos da disciplina eram moldes produtores de subjetividades, ao passo em que os controles são uma “modulação”, isto é, uma moldagem que pode ser transformada continuamente, produzindo uma situação flexível da subjetividade que é a chave do controle. As antigas instituições, como a fábrica, o hospital, a prisão e a escola se transformaram em empresas, modificando a gramática que havia sido produzida pela sintaxe disciplinar, que se torna obsoleta na sociedade de controle. Em uma análise do conceito deleuziano de sociedade de controle, Michael Hardt demonstra que a sociedade de controle pode também ser compreendida como uma intensificação das disciplinas. No decorrer de sua análise, Hardt argumenta que a sociedade de controle aboliu os muros que

continham os sujeitos nas instituições de seqüestro produtoras da subjetividade moderna (HARDT, 2000: 369).

Se na sociedade disciplinar o corpo e a vida formam matéria farta para o exercício da disciplina e do biopoder, produzindo corpos dóceis, a sociedade de controle, tanto como um novo modelo de sociedade ou como a intensificação das disciplinas, como afirma Hardt, também tem o corpo como substrato de sua produção subjetiva. O que são os corpos no interior da sociedade de controle? Por um lado há toda uma intensificação dos controles sobre o corpo, traduzidos em uma ampliação e transformação da biopolítica, como afirmou Giorgio Agambem em *Homo sacer* (AGAMBEM, 2002). Trata-se do surgimento da idéia de que há corpos que podem desaparecer para que outros possam viver seguramente, em um mundo controlado pelas novas modalidades tecnológicas. Por outro lado, há também novas formas corporais de resistência e transgressão, as quais se apropriam das novas tecnologias e das artes, por exemplo. Uma gestão autônoma da vida e do corpo é uma empreitada transgressora no interior das tecnologias de controles. Para Deleuze, “os anéis da serpentes são ainda mais complicados que os buracos da toupeira” (DELEUZE, 1996: 225-6).

As novas tecnologias de gerenciamento da vida e do corpo são corolários de transformações profundas na forma de produção de conhecimento sobre a vida. Com o advento da biologia molecular e das biotecnologias, o conceito de vida se transformou em um código a ser desvendado, o DNA. A partir dessa nova categorização da vida, o corpo passou a ser a decorrência de um conjunto de informações que devem ser melhoradas e reproduzidas (SIBILA, 2002). Assim, a nova gestão do corpo é a administração do corpo saudável, que se dá por meio de uma alimentação cientificamente balanceada, exercícios físicos controlados, o controle do estresse e da felicidade, específicos para cada singularidade molecular. O controle genético do corpo ainda faz parte de um conjunto de análises futuroológicas, embora já existam como rotina em consultórios médicos os exames de detecção de certos tipos de cânceres, como, por exemplo, um tipo específico de câncer de mama. Na presença de marcadores genéticos em exames de sangue, algumas mulheres já realizaram mastectomização preventiva, isto é, a extração das mamas como prevenção, em nome da saúde perfeita. A idéia do risco para a saúde e para o corpo saudável começa a tomar contornos importantes para o biopoder, na medida que o cuidado para com a vida, já pensado por Foucault como definidor da modernidade, se desloca em virtude da tecnologia.

Anterior às transformações genéticas, a “ciborguização” do corpo, como definiu Donna Haraway em seu *Manifesto ciborgue*, já está em curso há muito tempo, isto é, as intervenções de superfície que ampliam as possibilidades do corpo, como próteses, lentes e

medicamentos, de modo que todos nós, de maneira praticamente indistinta, compartilhamos dessa porção ciborgue. Faz muito tempo que o nosso corpo não é o tal “corpo natural”, que nós nem sequer sabemos se um dia já o fomos (HARAWAY, 1994).

O pequeno desfile de corpos ou as transgressões do corpo

O “corpo contemporâneo”, ciborguizado, modificado, exercitado e até mesmo tornado obsoleto, tal como interpretado e construído por uma variedade de autores, também pode ser concebido dentro da encruzilhada colocada por Foucault em seus últimos escritos, isto é, em termos das formas de “governo de si” e de “governo dos outros”. Assim, as tecnologias corporais, nas suas formas mais variadas de aplicação, podem ser tomadas no interior de uma dupla dobra, como define Deleuze, pois, além de serem o produto do controle, são ao mesmo tempo “linhas de fuga” ou pequenas transgressões do tempo presente, visto que talvez não sejam mais possíveis as grandes transgressões. Nossos corpos são ao mesmo tempo técnicas “quase-autônomas” de individuação, assim como também são o resultado de técnicas totalizantes das estruturas do controle contemporâneo.¹

Dando continuidade a essa idéia da “dupla dobra”, inicio um pequeno desfile dos corpos transgressores. Em primeiro lugar *Agrado*, personagem criada por Pedro Almodóvar no filme *Tudo sobre minha mãe*. Agrado, em seu discurso sobre a produção do corpo autêntico, diante do público que aceitou ouvi-lo no palco de um teatro de Barcelona, discorre sobre sua própria autenticidade (OLIVEIRA, 2005: 53). Localizando em seu corpo de homem transformado em mulher as partes modificadas – olhos, nariz, peitos, nádegas, pelos (ou a sua ausência), os cabelos tingidos – mostrando cada parte do seu corpo, quantifica-as em termos de decilitros de silicone e o preço pago pela autenticação. Demonstrando a sua idéia própria de autenticidade como resultado de intervenções cirúrgicas que a transformaram em um corpo de mulher, Agrado nos coloca diante de um dilema antigo sobre o natural e o modificado que assombra os nossos discursos sobre o corpo. Agrado, por meio das intervenções se transformou em uma mulher, e, sobretudo, numa mulher com um pênis, aspecto que, segundo o personagem, lhe é muito útil no seu trabalho. Ela se tornou autêntica, segundo seu próprio

¹ Utilizei a idéia de “quase-autonomia” pois a idéia de autonomia presente nesse texto não corresponde a um sujeito livre e esclarecido que pode fazer uso da sua liberdade de escolha. Essa “quase-liberdade” diz respeito a um sujeito que no interior das matrizes do poder e do controle, é possível que também experimente diferentes graus de um certa autonomia, nos moldes da resistência ou da produção de si, para Michel Foucault, e das linhas de fuga de Gilles Deleuze.

discurso, em relação ao desejado corpo de mulher, que ela própria construiu no seu próprio processo de “quase-autonomia”, produzindo-se a si mesma.

Orlan, artista e *performer* inventora da “carnal art”, é um outro corpo em desfile nesse texto. O corpo de Orlan é um “ready made”² em que a artista intervém por meio de cirurgias plásticas que a transformam em sua própria criação. Em uma de suas inúmeras performances, Orlan interveio cirurgicamente em sua face criando protuberâncias semelhantes a chifres, por meio de implantes subcutâneos na testa. A artista, além de intervir no seu próprio corpo, produziu o cenário, isto é, as vestimentas dos médicos, os lençóis, as cores do centro cirúrgico e, por meio de uma anestesia parcial, se manteve acordada durante a intervenção recitando textos. Essa é uma das performances da artista dentre as quais o seu corpo é o objeto da intervenção, participando não como suporte da sua “carnal art”, mas como matéria-prima a ser cortada, suturada e produzida, segundo suas expectativas. Nas palavras de Orlan: “Meu trabalho combate o inato, o inexorável, a natureza, o DNA (que é o nosso rival direto como artista da representação) e Deus”. Assim, Orlan oferece seu corpo “como local de um debate público onde se colocam as questões cruciais de nossa época”. Mais uma vez o resultado das intervenções é a fabricação de um si mesma que pode transformar-se a cada novo projeto-acontecimento-performance.

Fernanda Magalhães, fotógrafa e artista plástica, utiliza os corpos de mulheres gordas, além de seu próprio corpo, como imagem e modelo para várias obras dentre estas um projeto intitulado *As classificações científicas da obesidade*.³ A artista captura o discurso médico que caracteriza os tipos de obesidade e como resposta constrói retratos corporais ociosos, sem massa e sem gordura. O discurso médico fala – “você tem que cortar a gordura” – Fernanda retira a gordura do interior dos corpos recortando-a. As formas criadas escapam, são linhas de fuga que respondem às caracterizações tanto do discurso médico-científico como do discurso sobre a saúde e a beleza dos corpos. Os contornos de Fernanda flutuam ociosos e sem peso, suspensos por fios de nylon no teto da galeria, oferecendo lugares para o visitante ocupar.

Os corpos de Agrado e Orlan, mesmo repletos de carne e sangue, lutam contra a lógica orgânica do corpo controlado. Como personagem cinematográfico, a construção do corpo de Agrado é matéria em busca de um “corpo sem órgãos” (DELEUZE & GUATARRI, 1987: 150). O corpo de Agrado oferece elementos importantes para que se possa pensar sobre um corpo que definitivamente escapa à norma e ao controle, pois ela é uma mulher com pênis e

² Conceito criado pelos surrealistas.

³ Texto e vídeo apresentado por Fernanda Magalhães no VII Seminário Internacional Fazendo Gênero - UFSC. Veja-se o trabalho de MAGALHÃES, Maria Fernanda “Classificações científicas da obesidade” in *[Anais] Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceito*, Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006.

um corpo natural repleto de intervenções e silicone. Orlan é personagem de si mesma, ou personagem da desconstrução de si, na medida que produz novos corpos em suas cirurgias diante das câmaras que as reproduzem para o público nas galerias de arte da Europa. Ambas, Agrado e Orlan, são carnes que escapam, não são órgãos, ou estão em vias de não o serem. Já o contorno gordo de Fernanda é ficção autêntica da ausência de carnes, órgãos e peso. Ela é a própria realização do corpo sem órgãos (DELEUZE & GUATTARI, 1987: 151) que atingiu o peso de uma pluma, pairando sobre o piso das galerias.

Os três corpos desfilados: Agrado, Orlan e Fernanda poderão ser tomados como corpos transgressores? Os três corpos desfilados e suas formas de representação poderiam ser tomados como corpos de resistência aos poderes e aos controles? Certamente, todos os três escapam à norma, às regras e à moral contemporânea; mas todavia, são estes os novos lugares da transgressão?

Referências Bibliográficas

- AGAMBEM, Giorgio. **Homo Sacer: poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.
- DELEUZE Gilles; GUATTARI. Felix. **A thousand plateaus: Capitalism and schizophrenia**. Mineapolis: University of Minesota Press, 1987.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade Vol. I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- HARAWAY, Donna. *Um manifesto para os cyborgs*. In: HOLLANDA, H. B. (org.) **Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HARDT, Michel. *A sociedade mundial de controle*. In: ALLIEZ, E. (org.) **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Piracicaba: UNIMEP, 1996.
- LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**. Campinas: Papirus, 2003.
- MAGALHÃES, Maria Fernanda. *Classificações científicas da obesidade* In: **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceito**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006.

OLIVEIRA, Wenceslaó Machado de. *O exemplo de Agrado: imagem, técnica e autenticidade*. In: **Educar em Revista**, n°. 28, Curitiba: Ed. UFPR, jul-dez 2005.

ROUANET, Sérgio Paulo. *O homem-máquina hoje*. In: NOVAES, A. (org.) **O homem-máquina: A ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SIBILA, Paula. **O homem pós-orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. *As crianças ainda devem ir à escola?* In: CANDAU, V. M. (coord.) **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE) Rio de Janeiro: DP&A, 2000.